

Brasília, quase meio século

Brasilmar Ferreira Nunes
É PROFESSOR DO DEPARTAMENTO DE
SOCIOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
(UNB) E PESQUISADOR DO CNPQ.

De maneira recorrente, as críticas sobre Brasília insistem sobre o desenho da cidade, caindo num senso comum repetitivo. Nessas críticas, o espaço físico, o desenho da cidade, o seu plano urbanístico é o foco: não tem praças, não tem esquina, não tem calçada, não tem o boteco do bairro, não tem praia, e assim por diante. Como toda análise rápida cai-se na armadilha de dizer o que ela não é em vez de dizer o que ela é.

Brasília faz 48 anos. Tempo longo se pensarmos no que era o Brasil dos anos 50 e 60, porém irrisório se pensarmos nos ciclos da história. Documentos oficiais nos lembram que a cidade foi pensada como um marco nacional permanente, algo assimilável ao Hino Nacional e à Bandeira, como função principal representar o país para si mesmo. O papel de capital política está devidamente consolidado: uma manifestação política na Esplanada dos

Ministérios repercute com muito mais força do que em qualquer outro espaço urbano do país. O fato de ter sido construída para ser capital política já lhe garante lugar privilegiado dentre as cidades brasileiras e o seu desenho só viria a somar a esta importância que é concreta.

Caso exemplar do urbanismo do século 20 é tombada pela Unesco como Patrimônio Cultural da Humanidade, quando ainda estava para completar 30 anos. Estamos beirando os dois milhões e meio de habitantes, dos quais, aproximadamente 15% estão neste Plano Piloto de origem. Os demais estão espalhados por cidades satélites, em uma conformação polinucleada, de tal forma que parecem independentes entre si. Brasília concentrando cerca de 70% do emprego formal transforma boa parte das satélites em cidades dormitórias, em uma dependência visceral do Plano Piloto.

Os critérios utilizados para classificar a área tombada ficaram distantes daquela que comandava os debates nos fins dos anos 70 e 80 quando se discutia sua viabilidade. Poderíamos destacar a constituição de um grupo formado por pro-

Como toda análise rápida cai-se na armadilha de dizer o que Brasília não é em vez de dizer o que ela é

fessores da Universidade de Brasília, técnicos da Fundação Nacional Pró-Memória (Ministério da Cultura) e o Governo do Distrito Federal, denominado Grupo de Trabalho para a Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Natural de Brasília (GT-Brasília). Analisando documentos produzidos pelo grupo, constata-se uma concepção de patrimônio presente naquele momento envolvendo a paisagem original e pequenos povoados pré-existentes à cidade. O discurso da arquitetura aplicado a Brasília ganha força com a passagem de Lucio Costa pela cidade em 1987: há um retorno à hegemonia do desenho sobre os aspectos culturais defendidos pelo GT-Brasília.

Levanto tais questões para ressaltar que a cidade cresce através de

dinâmicas múltiplas. Entre o urbanismo de primeiro mundo que caracteriza a área nobre e as leis de mercado, às vezes selvagens de ocupação do solo nas satélites, são realidades distintas que se apresentam para um observador atento. Por um lado, o tombamento freia forças de mercado que poderiam descaracterizar o desenho original, dando a impressão de que se engossou o espaço transformando-o em um museu dos anos 50. Por outro, as satélites gozando de liberdade relativa e povoada por grupos de múltiplas características, produz espaços urbanos e culturais com enorme dinamismo. Veja por exemplo, as práticas de jovens de Ceilândia ou de Taguatinga, a formação de torcidas organizadas de futebol, o culto a tradições populares, tudo com mais evidência.

As transformações no Plano Piloto revelam uma dinâmica adaptada às novas modalidades do mercado. Os equipamentos de consumo são padronizados para atender a um gosto de classe que tem que se sentir integrada numa modernidade clichê: shoppings, aeroporto, parques, museus, cinemas, todos

em contínuo processo de implantação e multiplicação guardando sempre os padrões da estética globalizada e sua lógica de uniformização da sensibilidade. Enquanto isso, nas satélites apesar de certo ar de improviso na estética urbana, sente-se uma vibração discreta que revela as expectativas dos seus moradores. Um mercado habitacional dinâmico, uma variedade de comércio típico de áreas com renda heterogênea e um otimismo velado, próprio de áreas com elevados índices de mudança.

Há no caso de Brasília uma interessante oportunidade para se refletir sobre o espaço construído como síntese de uma sociedade. Ao mesmo tempo, o peso simbólico do Plano Piloto fortalecido no conceito de patrimônio cultural auxilia nesta distância social assimétrica à realidade das cidades satélites, oferecendo as bases para a ideia de memória nacional que se apresenta, de fato, altamente seletiva. Neste caso, "patrimônio cultural" não se articula mecanicamente com "tradição", mas vai ser a condição mesma para a transformação de um espaço sem história no símbolo da nação.